

“MANIFESTO EM REPÚDIO AO PRECONCEITO CONTRA AS MULHERES BRASILEIRAS EM PORTUGAL”: UMA CRÍTICA AO DISCURSO DO PROGRAMA “CAFÉ CENTRAL” DA RTP

Jéssica de Cássia Rossi¹
Larissa Maués Pelucio Silva²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar como o “Manifesto em repúdio ao preconceito contra as mulheres brasileiras em Portugal” questiona o discurso da personagem “Gina, no programa “Café Central”, da “Rádio e Televisão Portuguesa” (RTP), o qual depreciava as mulheres brasileiras. Para tanto, fundamentamo-nos nas reflexões dos “Estudos Pós-Coloniais” e abordamos pensamentos que envolvem a construção da identidade e da diferença. Utilizamos a pesquisa bibliográfica para levantar informações sobre o Manifesto a fim de analisar a atuação do movimento e apontamos algumas considerações a respeito.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Pós-Coloniais. Identidade e Diferença. Mídia Portuguesa. Manifesto. Mulheres Imigrantes Brasileiras em Portugal.

ABSTRACT: The goal of this study is to analyze how the "Manifesto em repúdio ao preconceito contra as mulheres brasileiras em Portugal" questions the discourse of the character "Gina", the program "Café Central", in the "Rádio e Televisão Portuguesa" (RTP), which depreciated the Brazilian women. Therefore, we base ourselves on the reflections of the "Estudos Pós-Coloniais" and approach thoughts that involving the construction of identity and difference. We use the bibliographic search to gather informations on the Manifesto in order to analyze the performance of motion and point some considerations about.

KEYWORDS: Post-Colonial Studies. Identity and Difference. Portuguese media. Manifest. Brazilian immigrant women in Portugal.

INTRODUÇÃO

A presença das mulheres imigrantes brasileiras em Portugal tem crescido, significativamente, nas últimas décadas; esse grupo representa 55% da comunidade de imigrantes brasileiros em Portugal (BARRETO, 2011). Entretanto, essas mulheres

1 Doutoranda em Ciências Sociais pela Unesp/Marília. Docente da Universidade Sagrado Coração (USC), de Bauru. Mestre em Comunicação pela Unesp/Bauru. Contato: jessicacrossi@yahoo.com.br.

2 Orientadora do Trabalho. Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais pela Unesp/Marília e da Unesp/Bauru. Doutora em Ciências Sociais pela UFSCar. Contato: larissapelucio@gmail.com.

têm enfrentado uma série de obstáculos para se manterem no país; sendo o maior problema enfrentado por essas mulheres a imagem que os portugueses têm delas, a qual está ligada à hipersexualidade³ (VIANNA, 2011; PISCITELLI, 2008) e também a um comportamento exótico⁴. Alguns veículos midiáticos portugueses tem contribuído com essa situação ao estigmatizar a mulher brasileira (ROSSI, 2011). Por isso, em 2011, surgiu a iniciativa de um grupo de brasileiras denominado “Manifesto em repúdio ao preconceito contra as mulheres brasileiras em Portugal” a fim de criticar o preconceito disseminado pela mídia portuguesa.

Tendo isso em vista, nosso objetivo⁵ é analisar como esse Manifesto questiona o discurso do programa “Café Central”, da RTP, o qual tinha uma personagem “Gina” que depreciava as mulheres imigrantes brasileiras entre os portugueses. Para tanto, fundamentamo-nos nas reflexões dos “Estudos Pós-Coloniais”, as quais desconstruem as essencializações ocidentais que desvalorizam grupos sociais subalternos, como é o caso das mulheres imigrantes brasileiras em Portugal. Além disso, abordamos reflexões que envolvem a construção da identidade e diferença e utilizamos a pesquisa bibliográfica para levantar informações sobre este manifesto. Por ele, pesquisamos informações em documentos como sites, artigos, etc. a fim de analisar a atuação do movimento.

Este Manifesto teve como finalidade romper com o discurso preconceituoso em relação à mulher brasileira no programa “Café Central”, da RTP, na qual a personagem “Gina” depreciava as mulheres brasileiras. Para tanto, uma estudante brasileira de doutorado em Portugal e ativista feminista⁶ convocou pessoas a aderirem ao movimento pelo *Facebook* em 2011, que resultou em um grupo de 30 membros, aproximadamente, de mulheres e homens em Portugal e no Brasil. O grupo elaborou

3 A associação das mulheres brasileiras à hipersexualidade está relacionada aos imaginários coloniais em que as mulheres da colônia são vistas como objetos sexuais. O colonialismo determina as hierarquizações entre homens e mulheres e entre metrópoles e coloniais (GOMES, 2013). Além disso, “[...] contribui diretamente para a produção de estereótipos, a criação de um imaginário colonial relacionado ao erótico e ao exótico e a legitimação da violência contra as mulheres das colônias” (FRANÇA, 2012, p.92).

4 Por não serem portuguesas, as mulheres imigrantes brasileiras são vistas como um grupo distante dos valores portugueses, são percebidas como pessoas procedentes de outro país, ou seja, de um lugar diferente, estranho, por isso são associadas a um comportamento exótico (CUNHA, 2005; SAID; 1990).

5 Trabalho relacionado à pesquisa de doutorado em andamento “A construção da identidade da mulher migrante brasileira em Portugal”. O tema do trabalho foi exposto e publicado nos anais do 17º Congresso Brasileiro de Sociologia, de 20 a 23 de julho de 2015, na UFRGS, em Porto Alegre/RS.

6 Na pesquisa bibliográfica realizada não conseguimos identificar a estudante e ativista brasileira que convocou o movimento.

uma denúncia contra a forma como a mulher brasileira é exotizada e hiperssexualizada pelo programa “Café Central” da RTP. O documento exigiu também atitudes das autoridades lusitanas contra as práticas discriminatórias apontadas; foi uma forma de ciberativismo que teve alguma repercussão tanto nos meios de comunicação portugueses como no Brasil (FRANÇA, 2012). Dessa forma, analisamos o movimento em questão e apontamos algumas considerações sobre ele à luz do objetivo do nosso artigo.

ESTUDOS PÓS-COLONIAIS

O saber científico ocidental, por muito tempo, dominou o conhecimento produzido no mundo e, por isso, foi visto como uma forma de saber universalista, neutro e objetivo. Entretanto, é importante salientarmos que todo conhecimento é produzido por um lugar de fala com determinada localização na estrutura de poder. Todo discurso científico é influenciado pelas características contextuais em que é construído, sejam elas de classe, sexuais, gênero, espirituais, linguísticas, geográficas e raciais. Embora haja essas marcas em todos os processos de enunciação, a Filosofia e as Ciências Ocidentais escondem o lugar de fala daqueles que constroem o seu saber a fim de criar um “mito” que não permite questionar de onde se origina o conhecimento construído e visto como “neutro”. O “ponto zero”, como denomina Grosfoguel (2008), o ponto de vista neutro, que se esconde, ou seja, o qual não tem ponto de vista.

Ao esconder o lócus de enunciação, o saber ocidental conseguiu, por meio das expansões coloniais europeias estabelecer “[...] por todo o globo uma hierarquia de conhecimento superior e inferior e, conseqüentemente, de povos superiores e inferiores” (GROSFOGUEL, 2008, p.120). Estabeleceu-se uma “geografia do conhecimento” que determina o que tem validade ou não, que se articula com a divisão internacional do trabalho (a qual estipula o que é o centro e o que é a periferia) e com a hierarquia étnico-racial global (a qual classifica os povos ocidentais e “não-ocidentais”). Desta forma, tudo o que está ligado a Europa, e também aos Estados Unidos, é visto como um lugar “avançado” em detrimento dos países não ocidentais vistos como “atrasados”.

Essas diversas hierarquias europeias levadas à América e outros lugares colonizados pelo homem serviram para envolver os povos colonizados em uma

atmosfera de dominação que perdura há séculos. Por isso, às vezes, alguns indivíduos que se encontram em alguns locais oprimidos nas relações de poder não assimilam, automaticamente, essa subordinação, eles podem não pensar epistemicamente, a partir de um lugar subalterno

A partir disso, podemos entender que a influência da ciência ocidental é expressiva e faz com que alguns indivíduos, em casos específicos de exploração, enxerguem sua situação pelo olhar dominante ocidental. Desse modo, essas pessoas não questionam a hierarquia euro-americana, na qual estão envoltas⁷. Contudo, é importante salientar que também ocorrem adaptações, re-ações e questionamento que colocam em xeque esse saber ocidental como é feito pelos Estudos Pós-Coloniais (conforme apresentamos mais adiante).

A colonização europeia, em alguns casos, não terminou quando as nações marginalizadas⁸ se tornaram “independentes”, quando as administrações coloniais foram extintas. Na verdade, em alguns casos, passamos de uma situação de exploração para outra. A primeira, conhecida como “colonialismo”, é uma forma de dominação direta em que há uma administração colonial presente no lugar dominado, comandado por uma metrópole, como ocorreu com a colonização portuguesa no Brasil, do século XVI ao século XIX. Já a segunda forma de exploração, refere-se a ideia de “colonialidad del poder” cunhado por Quijano no seio do grupo “Modernidad/Coloniadad”⁹, o termo trata do momento atual que estamos vivendo, uma forma de dominação indireta em que não há presença de uma administração colonial. O termo “coloniadad del poder”:

[...] designa um processo fundamental de estruturação do sistema mundo moderno/colonial, que articula os lugares periféricos da divisão internacional do trabalho com a hierarquia étnico-racial global com a inscrição de migrantes do “Terceiro Mundo” na hierarquia étnico-racial das cidades metropolitanas globais. Os Estados - nação periféricos e os povos não-europeus vivem hoje sob o regime da “colonialidade global” imposto pelos Estados Unidos, através

7 Reconhecemos que todas as formas de exploração são passíveis de resistência. Dessa forma, nem todos que vivem em situação de opressão se sujeitam ao poder dominante.

8 Podemos entender como “nações marginalizadas” os países que foram colonizados e/ou explorados pelas nações euro-americanas como alguns países da América Latina, África e Ásia e aqueles países cuja economia, política, cultura, etc. não seguem os padrões ocidentais como alguns países do Oriente Médio e de outros continentes.

9 O grupo “Modernidad/Coloniadad” (M/C) é um programa de investigação crítico que surgiu em 1998, composto principalmente por intelectuais principalmente da América Latina como Anibal Quijano (Peru). O grupo elaborou uma série de noções, raciocínios e conceitos que propõe uma renovação de análise nas ciências sociais latino-americanas no século XXI, sendo uma contribuição latino-americana mais genuína para o pós- colonialismo, o qual dominado por autores das ex-colônias britânicas e francesas em outros continentes (BALLESTRIN, 2013).

do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial, do Pentágono e da OTAN. As zonas periféricas mantêm-se numa situação colonial, ainda que já não estejam sujeitas a uma administração colonial. (GROSFOGUEL, 2008, p. 126).

Por essa noção, podemos compreender as posições periféricas dos povos não europeus na visão ocidental, podemos, particularmente, entender a situação, conforme propõe o autor, quando fala dos migrantes do “Terceiro Mundo”, das mulheres imigrantes brasileiras em um país como Portugal. A descolonização, ocorrida nos séculos XIX e XX, em algumas nações da América Latina, África e Ásia não nos libertaram da exploração euro-americana, de fato, mudou apenas as formas como as dominações ocorrem. Em alguns casos, ainda “respiramos” hierarquias sexuais, de gênero, espirituais, epistêmicas, econômicas, políticas, linguísticas e raciais comandadas pelo ocidente.

Tendo isso em vista, os “Estudos Pós-Coloniais” passaram a pensar a situação das nações marginalizadas, por outra perspectiva que não aquela dominante. Embora reúna uma variedade de contribuições teóricas distintas, tem como característica comum o esforço de esboçar, pelo método da desconstrução dos essencialismos, uma referência epistemológica crítica às concepções dominantes da modernidade.

Essa corrente de pensamentos surgiu por meio da crítica literária, principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra, a partir dos anos 1980, e, após isso, expandiu-se geograficamente para outros lugares e disciplinas. Entre os principais autores, temos situados dentro ou fora da Europa, Homi Bhabha, Edward Said, Gayatri Spivak, Stuart Hall e Paul Giroy. O termo “pós” de pós-colonial não significa simplesmente um “depois”, trata-se de uma operação de reconfiguração do campo discursivo, no qual as relações hierárquicas são significadas. Já o termo “colonial” alude a situações de opressão diversas. Não é fácil delimitar os “Estudos Pós-Coloniais”, pois é uma reflexão que vai além da teoria. As principais perspectivas teóricas que contribuíram com a elaboração dos “Estudos Pós-Coloniais” foram o pós-estruturalismo, Estudos Culturais e autores como Foucault, Derrida, Gramsci (com as noções de hegemonia e subalternos).

Para essa concepção teórica, em algumas situações ainda estaríamos expostos à alguma forma exploração, como na época da colonização. A diferença é que essa dominação agora é descentralizada e indireta, ela se constitui por meio de

um discurso que valoriza o ocidente em detrimento dos outros povos “não-ocidentais”. Dessa forma, essa linha de pensamento critica os binarismos existentes na ciência ocidental como faz Edward Said na obra “Orientalismo” (1978), ao abordar a concepção binária de ocidente versus oriente. Para o autor, o ocidente construiu uma visão reducionista sobre o que é o oriente, limitando-o a um lugar exótico, cheio de fantasias (SAID, 1990). Entretanto, Bhabha critica Said por não ter superado todos os binarismos, pois ele idealiza uma visão binária de mundo ao pensar em ocidente versus oriente. Apesar dessas limitações, utilizamos o pensamento de Said em nossas reflexões porque ao pensar a hegemonia do discurso ocidental sobre os outros discursos, assim como faz Hall, ele nos ajuda a compreender porque grupos minoritários, como as mulheres imigrantes brasileiras em Portugal, são discriminadas.

Tendo em vista a perspectiva de Said, Hall (1992) generalizou o caso do orientalismo mostrando que a polaridade entre o ocidente e o “resto” do mundo (*West/rest*) se encontra na base de constituição das ciências sociais. Na obra “Occidente y el resto discurso y poder” [1992], Hall explica como o discurso ocidental se tornou dominante e essencializou os países periféricos. Segundo o autor, o conceito de ocidente vai muito além da ideia de lugar e geografia; ele refere-se a um tipo de sociedade e desenvolvimento cujos limites são complexos porque envolve nações que se aproximam de um modelo de dominação mundial, significa muito mais do que uma porção geográfica. O termo “ocidental” é o resultado de uma série de processos históricos específicos (econômicos, políticos, sociais e culturais), os quais funcionam como uma ideologia; é um termo que está associado ao que é “moderno”.

Hall acredita que, para compreender a ideologia ocidental¹⁰, precisamos entender os discursos que mantêm a ideia de ocidente e “não-ocidente”. Para ele, o discurso é uma maneira de representar uma forma particular de conhecimento sobre um tema que tem efeitos reais na prática. Embora um mesmo discurso possa ser usado por grupos com interesses diferentes e, às vezes, contraditórios, ele não é ideologicamente neutro ou inocente.

Los discursos son formas de hablar, pensar o representar una materia o tema en particular. Producen conocimiento significativo acerca de un tema. Es conocimiento influye las prácticas sociales, y asimismo tiene consecuencias

10 O termo ideologia é bastante discutido e possui uma série de significados nas diferentes áreas do conhecimento, contudo, na perspectiva sociológica, podemos entendê-lo como um conjunto de representações e ideias dos países ocidentais que são tidas como referência para se enxergar o mundo em que vivemos (HALL, 1992).

y efectos reales. Los discursos no son reducibles a los intereses de clase, pero siempre operan en relación al poder – son parte de la manera que el poder circula y es disputado. El cuestionamiento de si un discurso es verdadero o falso es menos importante que si es efectivo en la práctica. Cuando es efectivo – organizar y regular las relaciones de poder (digamos Occidente y el Resto) – es llamado un “régimen de verdad” (HALL, 1992, p.20).

Para Hall, o discurso do “Occidente y el resto” é um regime de verdade que foi produzido entre os séculos XV e XVIII. As fontes de conhecimento comum, arquivos de outros discursos, que contribuíram para a construção desse discurso foram (HALL, 1992): 1. O conhecimento clássico 2. Fontes Religiosas e Bíblicas; 3. Mitologia; 4. Relatos de Viajantes. Nessas representações sobre o “Occidente y el resto”, Hall destaca que a sexualidade foi um elemento poderoso na fantasia construída pelo ocidente sobre o “não-ocidente” e as ideias de inocência e experiência sexual, dominação e submissão sexual, “[...] pusieron en escena una danza compleja en el discurso de “Occidente y el Resto” (HALL, 1992, p.24). Por essa perspectiva, povos “não-ocidentais”, como é o caso das mulheres imigrantes brasileiras, são exotizados, principalmente em relação ao sexo.

Assim, o discurso sobre o “Occidente y el resto” é construído por meio de termos bipolares, os quais geram pares de significantes opostos. Exemplo: bom x mau, nobres x selvagens, nações primitivas x nações civilizadas, etc. Esse discurso persiste, em alguns momentos específicos, até os dias atuais em algumas reflexões científicas da Sociologia Tradicional. Por isso, o objetivo comum dos teóricos pós-coloniais é buscar “[...] entender a dominação colonial como cerceamento da resistência através da imposição de uma episteme que torna a fala do subalterno, de antemão, desqualificada e, assim, o silencia. (COSTA, 2006, p.89). Seu papel é desessencializar o discurso binário de “ocidente superior” e o “não-ocidente inferior”. Enxergar as nações exploradas a partir de outra perspectiva que entenda sua própria complexidade.

Contudo, cabe salientar que existem algumas críticas em relação aos “Estudos Pós-Coloniais”. A primeira delas, segundo Shohat, é que:

[...] o pós-colonial é politicamente ambivalente porque obscurece as distinções nítidas entre colonizadores e colonizados até aqui associados aos paradigmas do “colonialismo”, do “neocolonialismo” e do “terceiro mundismo” que ele pretende suplantar. Dissolve a política de resistência, uma vez que não propõe uma denominação clara, nem tampouco demanda uma clara-oposição. Como os outros pós como os quais se alinha, o pós-colonial funde histórias, temporalidades, e formações raciais distintas em uma mesma categoria universalizante (SHOHAT, 1992, p.1).

Além disso, de acordo com Dirlik (1994), os intelectuais pós-coloniais estão deslocados do “Terceiro Mundo”, encontram-se na atualidade em universidades americanas prestigiosas, por isso tendem a adotar a linguagem ocidental com pretensões universalizantes. Além disso, diz que essa linha de pensamento não leva em conta a estrutura capitalista do mundo moderno, por isso é um “culturalismo”. E também, Ruth Frankeberg e Lata Mani (1993) alertam que nem todas as nações são pós-coloniais da mesma forma e que a situação pós-colonial não ocorre sozinha, ela é influenciada por outras relações dinâmicas. De fato, não podemos ignorar as limitações dos “Estudos Pós-Coloniais”, há características dessa perspectiva teórica que precisam ser repensadas, pois senão ela corre o risco de conceber um mundo binário e de ser uma teoria universalizante, desconsiderando as diferenças, assim como a visão ocidental, a qual busca criticar.

Embora haja essas limitações, pensamos que essa corrente teórica nos ajuda a desconstruir os essencialismos que envolvem o discurso ocidental. Por isso, utilizamo-la em nossas análises a fim de verificar como o “Manifesto em repúdio ao preconceito contra as mulheres brasileiras em Portugal” desconstrói o discurso do programa “Café Central” da RTP em relação à personagem “Gina” que depreciava as mulheres brasileiras entre os portugueses.

IDENTIDADE E DIFERENÇA

Tendo em vista a perspectiva discursiva, usualmente, parece fácil definir o que é identidade¹¹, para muitos refere-se a determinar o que cada um é como: “sou americano”, “sou negro”, etc. Trata-se de algo que remete a si próprio, sem relação alguma com as outras pessoas. Da mesma forma, é entendida a diferença, ela refere-se ao outro, é oposta à identidade como: “ele é português”, ele é “homossexual”, etc. E também, apresenta-se como uma característica independente; que existe por si só.

Na realidade, ambas são relacionais, uma determina a outra; elas são produzidas pela linguagem, dessa forma elas não são naturais, são definidas a todo o momento já que fazem parte das relações sociais e culturais. Por pertencerem a

11 Escolhemos utilizar a perspectiva discursiva para se referir à construção da identidade e da diferença, entretanto reconhecemos que existem outras perspectivas na antropologia que enxergam a construção da identidade e da diferença por outras formas.

linguagem, se encontram em um sistema de diferenças em que “[...] ser isto significa ‘não ser isto’ e ‘não ser aquilo’ e ‘não ser mais aquilo’ e assim por diante’ (SILVA, 2000, p.74).

O signo além de substituir alguma coisa, também apresenta o traço daquilo que ele não é, no caso a diferença e pelo adiamento da presença daquilo que representa. Dessa maneira, a linguagem não é um sistema seguro, porque a diferença de um signo em relação a outro e o adiamento da presença da coisa representada tornam o processo de significação indeterminado. Por isso, Silva acredita que “[...] a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem” (2000, p.75).

Ao estar relacionada à linguagem, a identidade e a diferença são instáveis, estão sujeitas as relações de poder existentes em uma sociedade, elas são impostas e disputadas pelos grupos sociais. Mais do que isso, há uma concorrência por recursos valorizados socialmente, por isso os grupos que detêm o poder podem definir a identidade e marcar a diferença. Nesse sentido, elas não são neutras porque pertencem a uma visão específica de um grupo social dominante.

Podemos dizer que onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas de presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”) (SILVA, 2000, p.81).

Quem detém o poder determina a diferenciação dos grupos sociais, ligadas a processos mais amplos que incluem e excluem, demarcam fronteiras, classificam e normalizam as pessoas. Por essa perspectiva, podemos dizer que, em relação ao nosso objeto de estudo, alguns membros da mídia portuguesa por representar a sociedade portuguesa e, conseqüentemente os seus valores, apresentam práticas discursivas que influenciam, algumas vezes, na classificação da mulher brasileira na visão lusitana dominante (ROSSI, 2011). Por isso, de alguma forma, alguns meios de comunicação podem ajudar a demarcar fronteiras, fazer distinções entre o que está dentro e o que está fora, “nós” versus “eles”; este último, no caso a mulheres imigrantes brasileiras, as quais se sujeita as relações de poder que envolvem a sociedade portuguesa. Contudo, temos que reconhecer que a mídia portuguesa não

é um bloco monolítico, em sua composição há divergências e disputas entre aqueles que apoiam o que é português, assim como aqueles não apoiam¹²

“Dividir O mundo social entre ‘nós’ e ‘eles’ significa classificar”, cuja forma mais importante, “[...] se estrutura em torno de oposições binárias, isto é, em torno de duas classes polarizadas” (SILVA, 2000, p.77-78). Essa divisão, algumas vezes, não é simétrica¹³ porque sempre um dos termos é valorizado em detrimento do outro, no caso “nós” (alguns componentes da mídia portuguesa) em relação a “eles” (mulheres imigrantes brasileiras), como ocorre com os binarismos: masculino x feminino, branco x negro, etc. Dessa forma, “Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam” (IBIDEM).

Fixar uma identidade é estabelecer uma norma, a qual é eleita como positiva e usada como parâmetro para se avaliar e hierarquizar as outras identidades. Dessa maneira, ela passa a ser vista como algo natural e nem sequer é vista como uma identidade como ocorre na sociedade ocidental, cuja supremacia é branca, “[...] ‘ser branco’ não é considerada uma identidade étnica ou racial. Num mundo governado pela hegemonia cultural estadunidense, ‘étnica’ é a música ou a comida dos outros países. [...] A força homogeneizadora da identidade “normal” é diretamente proporcional à sua invisibilidade” (IBIDEM, p.78).

Por isso, as nações “não-ocidentais” ou a mulheres imigrantes brasileiras, ou seja, para alguns, os “anormais”, constituem as nações ocidentais, a mídia portuguesa, ou seja, o que, para outros, são os “normais”. O que é deixado de fora determina o que está dentro. O outro é sempre um fantasma que incomoda a identidade hegemônica.

Tendo isso em vista, os “Estudos Pós-Coloniais” questionam o lugar de fala da ciência ocidental, assim como faz o “Manifesto em repúdio ao preconceito contra as mulheres brasileiras em Portugal” em relação ao programa “Café Central” da RTP, a fim de desconstruir alguns discursos que fixam as identidades desses grupos sociais subalternos, conforme analisamos mais adiante.

12 Podemos citar como exemplo o “Diário Liberdade” o qual é um portal de notícias alternativo sobre Portugal e países lusófonos, com uma proposta contrária os valores dominantes portugueses. Disponível em: <http://www.diarioliberalidade.org/portugal.html>. Acesso 16 fev. 2015.

13 Embora as relações binárias sejam na maioria assimétricas, devemos reconhecer que nem todos os binarismos são hierárquicos.

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Para analisar como o “Manifesto em repúdio ao preconceito contra as mulheres brasileiras em Portugal” questiona o discurso da personagem “Gina” no programa “Café Central” da RTP, utilizamos a pesquisa bibliográfica a fim de levantar informações em sites, artigos, revistas e jornais sobre o movimento em questão.

Vale ressaltar que o “Manifesto em repúdio ao preconceito contra as mulheres brasileiras em Portugal” é resultado de um movimento que articulou pessoas por meio de blogs e redes sociais, por isso reúne uma série de informações que foram publicadas sobre o tema.

Dessa maneira, à luz dos “Estudos Pós-Coloniais”, analisamos como o movimento questiona o discurso da personagem “Gina” do programa “Café Central” da RTP a fim de desconstruir os essencialismos elaborados pela ciência ocidental que inferioriza grupos sociais “não-ocidentais” como é o caso da mulheres imigrantes brasileiras em Portugal.

MANIFESTO EM REPÚDIO AO PRECONCEITO CONTRA AS MULHERES BRASILEIRAS EM PORTUGAL

As representações do que é ser mulher e brasileira, em algumas situações são bem antigas. Datam do período colonial português no Brasil, em que os colonizadores se aproveitaram da mulher indígena e negra para satisfazer suas necessidades sexuais (FREYRE, 1998). Esse fato histórico relaciona a mulher brasileira ao sexo e à nudez. Essa herança colonial permanece viva na história oficial contada pelos portugueses porque foi um discurso do colonizador em relação ao colonizado sobre as relações entre os dois países e são reforçadas na atualidade por alguns veículos da comunicação social portuguesa como: as diversas novelas brasileiras que são exibidas em Portugal; alguns anúncios publicitários que são promovidas pela Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) em Portugal para incentivar o turismo no Brasil; algumas matérias de jornais, revistas e televisão na mídia portuguesa e internacional, etc. Todos esses “arquivos” são fontes de conhecimento que estão alinhados ao discurso ocidental dominante, por isso são

conteúdos que tropicalizam¹⁴ as brasileiras em torno de elementos como o “à vontade” e o “calor humano”. São enfoques que não abrem espaços para outras abordagens sobre a mulher brasileira (ROSSI, 2011), já que elas são exotizadas e, por isso, representadas como hipersexualizadas. Uma identidade outra (ou seja, a diferença) definida por quem detém o poder em relação a identidade “normal”, no caso alguns portugueses, ligados a grupos sociais dominantes naquele país.

Tendo isso em vista, em 2011, uma ativista feminista e estudante brasileira¹⁵ de doutorado em Portugal convocou pessoas a aderirem, voluntariamente, ao movimento pelo *Facebook* em 2011. Dessa forma, constituiu-se um grupo de 30 membros aproximadamente, de mulheres e homens em Portugal e no Brasil. Seu objetivo foi denunciar o programa “Café Central”, da “Rádio e Televisão de Portugal” (RTP), que retratou uma personagem brasileira (“Gina”). Trata-se de uma animação gráfica que satirizava questões cotidianas portuguesas, exibida de segunda a sexta feira às 20 h. As situações do programa ocorriam em um café, no qual havia cinco personagens: “Conde”, “Silva”, “Félix”, “Águas” e “Gina”. Esta última “[...] era a única mulher [da série], uma prostituta que falava com sotaque do Brasil e reproduzia todos os estereótipos da imigrante brasileira em Portugal: voz sexy, roupas sensuais, comportamento e discurso hipersexualizado” (FRANÇA, 2012, p.8). Para ilustrar as colocações da autora, apresentamos abaixo uma fala da personagem “Gina” que ilustra essa visão:

Oi queridinhos, como correram as férias? Tudo legal? Foram à praia mergulhando e nadando muito no mar? Ou ficaram no quarto mergulhando na piscina do amo erótico feito a dois, ou a três, ou a quatro, né? [...] Se fosse eu a mandar nos destinos do país, seria tudo feito na base do sexo. Esqueçam as privatizações, comigo o negócio são as sexualizações. [...] Faça como eu: tem de pagar IVA, paga com sexo; paga IRS, paga com sexo, ué? Negociações com a Troica? Sexo! (GINA, PROGRAMA CAFÉ CENTRAL, RTP, 2011).

Vale ressaltar também que na série, “Gina” era representada como uma mulher branca e loira. Apesar disso, seu discurso e lugar ocupado no programa, assim como suas características físicas, levaram a um processo de racialização (o qual

14 Nesse ponto, não podemos esquecer do conceito de “lusotropicalismo” de Gilberto Freyre, para o qual a cultura portuguesa tem a habilidade de se adaptar aos países tropicais. Dessa forma, a tropicalização da mulher brasileira tem a influência dessa noção cunhada pelo autor.

15 Conforme dissemos anteriormente, na pesquisa bibliográfica realizada não conseguimos identificar a estudante e ativista brasileira que convocou o movimento

intersecciona raça e sexualidade) que a transforma em uma mulata sensual e erótica. Essa condição não é atribuída pela cor da pele, mas sim pela nacionalidade ligada ao discurso colonial (FRANÇA, 2012; PISCITELLI, 2008). A condição de mulata está ligada à ideia de raça, a qual é um marcador de diferença fundamental na experiência das mulheres imigrantes brasileiras em Portugal. Por muitos anos, a noção científica de raça legitimou as formas de segregação, opressão e exclusão existentes nas relações sociais e o racismo continua na atualidade, ao reforçar as hierarquias sociais existentes. É relevante entender esse fenômeno como “[...] uma prática social e discursiva que leva ao “[...] processo de racialização ao qual as mulheres brasileiras imigrantes estão submetidas e Portugal (FRANÇA, 2012, p.92).

Em alguns países da Europa como Espanha, Itália e Portugal, as mulheres brasileiras são racializadas como mulatas e mestiças (PISCITELLI, 2008). Isso ocorre por conta das essencializações hierarquizadas, as quais os “Estudos Pós-Coloniais” questionam, de “ocidente versus “não-ocidente”” ou de “metrópole versus colônia” (GOMES, 2013), as quais fazem com que as práticas racistas recaiam sobre esse grupo. É uma situação que exotiza e hipersexualiza a mulher brasileira, por isso os manifestantes questionaram tal situação como podemos ver abaixo:

Vimos por meio deste, manifestar nosso repúdio ao preconceito contra as mulheres brasileiras em Portugal e exigir que providências sejam tomadas por parte das autoridades competentes. [...] Exigimos, das autoridades competentes, que se faça cumprir a “CEDAW – Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres”, da qual tanto Portugal, como o Brasil, são signatários. Destacamos, também, o “Memorando de Entendimento entre Brasil e Portugal para a Promoção da Igualdade de Gênero”, no qual consta que estes países estão “Resolvidos a conjugar esforços para avançar na implementação das medidas necessárias para eliminação da discriminação contra a mulher em ambos os países [...] (MANIFESTO, 2011, p.1).

Ademais, o movimento exigiu também atitudes das autoridades lusitanas contra as práticas discriminatórias apontadas. Uma cópia do documento foi enviada à “Secretaria de Políticas para as Mulheres” da Presidência da República do Brasil, a qual enviou um ofício ao “Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural de Portugal” com a cópia do Manifesto a fim de exigir o cumprimento do acordo firmado entre os países por meio do “Memorando para a Promoção da Igualdade de Gênero” (MANIFESTO, 2011).

A iniciativa do movimento pela internet foi uma forma de ciberativismo, que é uma “[...] forma de atuação politicamente engajada que se dá através da

internet/ciberespaço, buscando fazer frente ao discurso da mídia dominante, de forma livre e independente” (FRANÇA, 2012, p.89). O grupo utilizou também outras ferramentas digitais como blogs, *Twitter*, petições on-line, *mailing lists* e *Orkut* conforme o movimento foi se estruturando.

É um movimento, cujos membros têm algum grau de conscientização sobre a situação de estigmatização das brasileiras em Portugal. Por isso, vejamos, segundo o Manifesto, as implicações que a personagem “Gina” provoca na construção da imagem das mulheres imigrantes brasileiras em Portugal:

Trata-se da personagem “Gina”, do Programa de Animação “Café Central” da RTP (Rádio Televisão Portuguesa). A personagem é a única mulher do programa, a qual, devido ao forte sotaque brasileiro, quer representar a mulher brasileira imigrante em Portugal. A personagem é retratada como prostituta e maníaca sexual, alvo dos personagens masculinos do programa. Trata-se de um desrespeito às mulheres brasileiras, que pode ser considerado racismo, pois inferioriza, essencializa e estigmatiza essas mulheres por supostas características fenotípicas, comportamentais e culturais comuns. (MANIFESTO, 2011, p.1).

No exemplo em questão, podemos notar a influência do programa “Café Central” da RTP na construção do discurso em relação à mulher brasileira na sociedade lusitana denunciado pelo “Manifesto em repúdio ao preconceito contra as mulheres brasileiras em Portugal”. Por representar de alguma forma o poder, alguns membros da mídia portuguesa ajudam a estabelecer o que é a diferença em relação à identidade dominante portuguesa. Nessa perspectiva, a “identidade outra” vista como “étnica” é a brasileira quando se refere ao “forte sotaque brasileiro”, já que o português de Portugal é tido como padrão e o português brasileiro visto como desviante; quando a personagem “Gina” é vista como “prostituta e maníaca sexual”, pois como nos mostrou Hall (1992), o ocidente, representado nesta situação por alguns componentes da mídia portuguesa, associa os povos “não-ocidentais” (no caso a mulheres imigrantes brasileiras) à sexualidade, etc.

Percebemos também o questionamento do discurso dominante pelo Manifesto, quando o movimento alega que:

Trata-se de um desrespeito a todas as mulheres, pois ironiza/escarnece sua sexualidade, sua possibilidade de exercer uma sexualidade livre, o que pode ser considerado machismo e sexismo. Trata-se, ainda, de um desrespeito às profissionais do sexo, pois ironiza o seu trabalho, transformando-o em símbolo de deboche/piada/anedota, sendo que não é um trabalho

criminalizado em Portugal, portanto, é um direito exercê-lo livre de estigmas (IBIDEM).

A partir dos “Estudos Pós-Coloniais”, vemos que o movimento questiona o lugar de fala do programa da RTP e mostra que essas associações não são naturais, há um discurso com efeitos práticos que são dessencializados pelo movimento. Ainda mais porque essa classificação cria uma “identidade outra”, ou seja, a diferença que é estigmatizada, levando a uma forma de racismo; discursos binários que autores como Hall (1992) buscam desconstruir.

Esse discurso discriminatório acerca das mulheres imigrantes brasileiras está relacionado às hierarquias sexuais, de gênero, de raça e geográficas impostas pela ciência e filosofia ocidental (GROSGUÉL, 2008). Os indivíduos, movimentos e associações que encabeçam o Manifesto tem consciência da condição subalterna à qual países “não-ocidentais” como o Brasil estão submetidos. Essa consciência pode ser percebida também no trecho abaixo:

O estigma da hipersexualidade remonta aos imaginários coloniais que construíam as mulheres das colônias como objetos sexuais, escravas sexuais, e marcadas por uma sexualidade exótica e bizarra. Cita-se, por exemplo, a triste experiência da sul-africana Saartjie Baartman, exposta na Europa, no século XIX, como símbolo de uma sexualidade anormal. Em Portugal, esses imaginários coloniais, infelizmente, ainda são reproduzidos pela comunicação social (MANIFESTO, 2011, p.1).

O movimento questiona imaginários coloniais como o da hipersexualidade¹⁶ construídos pelas hierarquias ocidentais que escondem o lugar de fala euro-americano por trás de um conhecimento neutro, objetivo e universal. A história de Saartjie Baartman, citado pelo movimento, refere-se a uma mulher negra que nasceu em 1789 na África do Sul, que foi “convidada”, aos 21 anos para trabalhar na Inglaterra por um homem como dançarina. Lá, ela passa a se apresentar publicamente em uma série de espetáculos circenses com movimentos animalizados. Em Paris, em 1814, o corpo de Saartjie passou a ser objeto de interesse científico. Por isso, o anatomista George Curvier a “comprou” de seu antigo proprietário e desse modo, Curvier e sua equipe “[...] observavam, desenhavam, escreviam tratados sobre, modelavam, modelavam em cera, escrutinavam cada detalhe e sua anatomia” (HALL, 1997,

16 Conforme apontamos anteriormente, a associação das mulheres brasileiras à hipersexualidade está relacionada ao imaginário colonial em que as mulheres da colônia são vistas como objetos sexuais pelo colonizador (FRANÇA, 2012).

p.265). Pouco tempo depois, Saartjie morre e seu corpo passa a ser exibido no “Museu do Homem em Paris”, somente em 2002 os restos mortais dela retornaram à África do Sul.

A história de Saartjie Baartman mostra a tentativa dos europeus em provar, de acordo com Damasceno (2008, p.1), “[...] a inferioridade dos povos não europeus”. Para eles, era importante desqualificar o “Outro” a fim de que o homem branco e europeu fosse visto como um ser superior frente aos demais povos, principalmente aqueles colonizados.

O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução (BHABA, 1998, p.111).

É um exemplo de hierarquias, não somente geográficas, mas também de gênero e raça, já que Saartjie pertencia a um grupo “não-ocidental”, ou seja, era sul-africana; mulher, ou seja, não era homem; e ainda era negra, ou seja, não era branca. Ela é o exemplo extremo da “diferença” em uma sociedade cuja identidade dominante é ocidental, masculina e branca. Dessa maneira, o “Manifesto em repúdio ao preconceito contra as mulheres brasileiras em Portugal” desvela o lócus de enunciação em questão e coloca-o em xeque a fim de desmitificar um saber que associa a mulher brasileira à hiperssexualidade e à exotividade que é reproduzido por alguns veículos midiáticos portugueses como o programa “Café Central” da RTP.

A iniciativa do Manifesto teve repercussão em vários jornais televisivos e impressos, tanto em Portugal como no Brasil. Entre eles podemos citar: jornal “Público” em 29/09/2011, jornal “Destaka” em 20/09/2011, revista “Valor Econômico” em 11/11/2011 e revista “Carta Capital” em 26/09/2011. Além disso, a própria emissora RTP discutiu em seu programa “A voz do cidadão”, em 12/11/2011 a denúncia apresentada pelo Manifesto. Já, no ano seguinte, em 2012, a personagem “Gina” foi retirada do elenco da nova temporada do programa, embora não tenha havido nenhuma notificação relacionando a saída da personagem com o Manifesto, o movimento acredita que isso seja resultante da pressão social gerada.

Vale ressaltar também que a petição on-line elaborada pelo movimento teve a adesão de mil assinaturas de pessoas, de vinte movimentos sociais e associações de Portugal e do Brasil, de sete representantes do “Conselho de Brasileiros no

Exterior” e, por fim, contou com a ajuda de mais vinte organizações sociais e comunitárias de ambos os países (algumas delas são: “Acção para a Justiça e Paz” (AJPaz) de Portugal; “Articulação de Mulheres Negras Brasileiras”; “União Brasileira de Mulheres”; “Casa do Brasil de Lisboa”, “Coordenação Portuguesa da Marcha Mundial das Mulheres”; “coordenação Rio Grande do Sul”, etc.) (FRANÇA, 2012).

Já em 2012, a coordenação do Manifesto recebeu um comunicado oficial da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres do Brasil, em que a instituição informou que o governo português formalizou uma denúncia contra o Programa Café Central da RTP à Entidade Reguladora para a Comunicação Social portuguesa. Esta entidade não tomou nenhuma providência em relação ao programa por julgar que não houve “atentados contra a dignidade humana e igualdade de gênero ou a promoção do racismo, da discriminação e da xenofobia” (MANIFESTO, 2012, p.1). Apesar disso, o movimento acredita que a resposta dos órgãos brasileiros e portugueses seja uma vitória, pois trata-se do reconhecimento oficial da importância do Manifesto.

A formação do movimento em questão foi uma iniciativa pontual para questionar um programa de televisão específico, o *Café Central* da RTP, o qual tinha a personagem, *Gina*, que depreciava as mulheres brasileiras e não em relação ao tratamento dispensado pela mídia portuguesa como um todo. Em 2012, após o Núcleo Central do movimento considerar que o Manifesto tenha cumprido sua finalidade, o movimento se desarticulou e este Núcleo acredita que discussões provocadas tenham ajudado a problematizar o tema em questão (FRANÇA, 2012).

Embora as formas de opressão e sexualização das mulheres imigrantes brasileiras em Portugal sejam diversas e continuem na atualidade, acreditamos que o “Manifesto em Repúdio ao Preconceito contra as Mulheres Brasileiras em Portugal” tenha alcançado seus objetivos. Isso por conta da saída da personagem “Gina” do programa “Café Central” da RTP, por ter gerado um intenso debate acerca de um tema desconhecido por muitos e por ter dado destaque a iniciativa de um grupo de mulheres imigrantes brasileiras em Portugal, ou seja, foi possível elaborar um discurso por um grupo “não-ocidental”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos “Estudos Pós-Coloniais”, vimos que é possível refletir sobre as nações “não-ocidentais” por outras perspectivas que não seja aquela dominante, no caso a visão ocidental. Para esta linha teórica, temos que desessencializar as hierarquias sociais e binarismos existentes que acometem grupos “não-ocidentais”, como o “Manifesto em Repúdio ao Preconceito contra as Mulheres Brasileiras em Portugal” buscou fazer em relação ao programa “Café Central”, da RTP, que depreciava as mulheres brasileiras em Portugal ao associá-las à hiperssexualidade e à um comportamento exótico. O movimento surgiu a partir de uma articulação espontânea de um grupo de 30 pessoas por meio do *Facebook* em 2011 para denunciar o discurso da personagem em questão.

Pela pesquisa bibliográfica realizada, analisamos como esse fenômeno questiona o discurso da personagem “Gina”. Para tanto, apresentamos um exemplo da fala da personagem, alguns trechos do Manifesto e analisamos como os argumentos do movimento dessencializam as hierarquias sociais e binarismos que as mulheres brasileiras são relacionadas pelo programa “Café Central” da RTP à luz dos “Estudos Pós-Coloniais”. Na mesma linha de pensamento desta teoria, o Manifesto critica o discurso da personagem “Gina”, dessencializado-o, mostrando que associar as mulheres imigrantes brasileiras à exotividade e à hiperssexualidade não é algo natural. É uma cristalização construída por aqueles que detêm o poder (a identidade padrão), no caso alguns membros da mídia portuguesa, em relação a outros grupos sociais (o outro, a diferença), como é o caso das mulheres imigrantes brasileiras na sociedade lusitana, vistas como algo estranho, exótico e abjeto, ou seja, étnico.

Apontamos também que o Manifesto obteve resultados expressivos como: uma ampla discussão do assunto em diversos veículos de comunicação social portuguesa; a retirada da personagem “Gina” do programa “Café Central” da RTP em 2012; a adesão de pessoas, movimentos sociais e associações de Portugal e do Brasil à petição on-line elaborada pelo movimento; e o reconhecimento oficial das autoridades brasileiras e portuguesas em relação ao problema, etc. Embora o movimento tenha sido pontual e terminado em 2012, consideramos que suas contribuições para a problematização sobre a questão, os debates provocados e a conscientização entre os grupos envolvidos em Portugal, tenham sido consideráveis. Contudo, não acreditamos que o mesmo tenha resolvido o problema que as mulheres imigrantes brasileiras enfrentam na atualidade em Portugal. Isso porque outras formas de discriminação e hiperssexualização desse grupo ainda persistem na

atualidade. À luz dos “Estudos Pós-Coloniais” percebemos que ele o “Manifesto em repúdio ao preconceito contra as mulheres brasileiras em Portugal” questiona o lugar de enunciação do programa “Café Central” da RTP e nos ajudam a pensar as mulheres imigrantes brasileiras em Portugal por outras perspectivas que não a ocidental. Esperamos que o presente trabalho estimule novas reflexões sobre o tema a fim de que se possam elaborar outras perspectivas sobre o objeto de estudo em questão.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro descolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília. Ago. 2013. n.11. p. 89-117. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/9180>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

BARRETO, Renan Paes. Cônsul-Geral do Brasil: “Os brasileiros gostam de Portugal”. **Revista B-i**. ACIDI, n. 90, maio 2011. Disponível em: <<http://www.acidi.gov.pt/cf/51357>>. Acesso em: 26 abr. 2014.

BHABHA, Homi K. “A Outra Questão”. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/57777015/Bhabha-Homi-K-O-Local-Da-Cultura>>; Acesso em: 22 out. 2013.

COSTA, Sérgio. **Dois atlânticos**: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: UFMG. 2006. p. 83-130.

CUNHA, I. F. A mulher brasileira na televisão portuguesa. Actas III. Congresso da Associação Portuguesa de Comunicação. **BOCC**. 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/cunha-isabel-a-mulher-brasileira-na-televisao-portuguesa.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

DAMASCENO, Janaína. O corpo do outro: construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: o caso de Vênus Hotentote. In: **8 Fazendo Gênero**: corpo, violência e poder., 2008, Florianópolis. **8 Fazendo Gênero**: corpo, violência e poder., 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST69/Janaina_Damasceno_69.pdf>. Acesso em: 22 out. 2013.

DIRLIK, Arif. The post colonial aura: third world criticism in the age of global capitalism. **The University of Chicago Press**. 1994, v.20, n.2, p.328-356.

FRANÇA, Thais. Entre reflexões e práticas: feminismos e militância nos estudos migratórios. **E-cadernos CES**. 2012, n. 18. Disponível em: <<http://eces.revues.org/1527>>. Acesso em 01 fev. 2015.

FRANKENBERG, RUTH; MANI, LATA. "Crosscurrents, Crosstalk: Race, 'Postcoloniality' and the Politics of Location. *Cultural Studies*. 1993. v.3.n.2, p.292-310.

FREIRE, G. **Casa Grande & Senzala**. 34 ed. Rio de Janeiro. Record, 1998.

GINA. Programa Café Central. Lisboa: **Radio e Televisão Portuguesa**. 29 ago. 2011. Programa de TV.

GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais – transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.80, março 2008, p.115-147.

GOMES, Mariana Selister. O imaginário social mulher brasileira em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação. **Dados – Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro. 2013, v.56, n.4, p.867-900.

HALL, Stuart. "**Occidente y el resto: discurso y poder**" (tradução de "The West and the Rest: Discourse and Power" in: Hall, Stuart and Gieben, Bram (eds.). *Formations of Modernity*. London: Polity Press, 1992. p.275-332.

_____. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG. 2006.

_____. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage, 1997

JOTA, P.; SETTI, D. Brasileira = Prostituta - É assim que a Europa nos vê. **Revista Cláudia**. Maio 2008. p. 130-134.

MANIFESTO EM REPÚDIO AO PRECONCEITO CONTRA AS MULHERES BRASILEIRAS EM PORTUGAL. **Blogspot**. 2011. Disponível em: <<http://manifestomulheresbrasileiras.blogspot.com.br/2011/09/manifesto-mulheres-brasileiras.html>>. Acesso em: 26 abr. 2014.

_____. Blogspot. 2012. Disponível em: <http://manifestomulheresbrasileiras.blogspot.com.br>. Acesso em: 27 jul. 2015.

PISCITELLI, Adriana. Intersseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**. n.11, p.263-274.

ROSSI, Jéssica de Cássia. **As representações da mulher brasileira na mídia portuguesa: jornal *Expresso***. 2011. 255 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e a diferença. In: _____. **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes. 2000. p.73-102.

SHOHAT, Ella. "Notes on the 'post-colonial'". *Social Text*, nº 31/32, 1992.

VIANNA, Carlos. A maioria dos brasileiros vai ficar em Portugal. **Revista B-i**. ACIDI, n. 90, maio 2011. Disponível em:<http://www.acidi.gov.pt/_cf/51357>. Acesso em: 26 abr. 2014.